



A Arte como linguagem crítica no ensino de Geopolítica: Entre o genocídio e a resistência preta

Art as a critical language in the teaching of Geopolitics: Between genocide and black resistance

Atílio Alves de Lima¹

Silvia Maria Cintra da Silva²

RESUMO

Este artigo parte da monografia de conclusão de curso intitulada: Entre Etnias, Paraísos, Sementes, Morte e Luto: Artes Visuais no Ensino de Geopolítica. Apresentada ao INSTITUTO DE GEOGRAFIA, GEOCIÊNCIAS E SAÚDE COLETIVA (IGESC) a Universidade Federal de Uberlândia, MG. Ele discute a utilização das artes visuais como recurso pedagógico no ensino de geopolítica, tomando como ponto de partida a perspectiva crítica da Geografia e o compromisso ético da educação emancipadora. A partir de referenciais como Paulo Freire, bell hooks, Ana Mae Barbosa, Achille Mbembe, Rogério Haesbaert e Milton Santos, problematiza-se como a arte pode favorecer a compreensão das dinâmicas de poder que atravessam o espaço geográfico. São analisadas duas obras: a fotografia de Mohamed Salem, que denuncia a violência do genocídio do povo palestino causado pelo o Estado de Israe e Paraíso Tropical, de Rosana Paulino, que tensiona as heranças coloniais, o racismo estrutural e a diáspora africana no Brasil. Argumenta-se que a arte, ao ser incorporada no ensino de Geografia, deixa de ser mero recurso ilustrativo para se tornar prática crítica e política, capaz de formar sujeitos conscientes ao desenvolver o seu senso crítico.

PALAVRAS-CHAVE: Arte-educação; Geopolítica; Ensino de Geografia; Genocídio; Resistência.

¹ Graduando em Geografia na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET/MEC). E-mail: atilio.lima@ufu.br

² Possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, mestrado e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas e pós-doutorado pela USP e PUC-SP. Atualmente é Professora Titular do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Email: silvia@ufu.br

ABSTRACT

This article is based on the undergraduate thesis entitled *Between Ethnicities, Paradises, Seeds, Death, and Mourning: Visual Arts in the Teaching of Geopolitics*, presented at the Institute of Geography, Geosciences, and Public Health (IGESC in portuguese) of the Federal University of Uberlândia, MG. It discusses the use of visual arts as a pedagogical resource in the teaching of geopolitics, taking as its starting point the critical perspective of Geography and the ethical commitment of emancipatory education. Drawing on references such as Paulo Freire, bell hooks, Ana Mae Barbosa, Achille Mbembe, Rogério Haesbaert, and Milton Santos, the article problematizes how art can foster the understanding of power dynamics that shape geographic space. Two works are analyzed: the photograph by Mohamed Salem, which denounces the violence of the genocide of the Palestinian people perpetrated by the State of Israel, and *Paraíso Tropical* by Rosana Paulino, which exposes colonial legacies, structural racism, and the African diaspora in Brazil. It is argued that when incorporated into the teaching of Geography, art ceases to be a mere illustrative resource and becomes a critical and political practice, capable of shaping conscious subjects by developing their critical awareness.

KEYWORDS: Art education; Geopolitics; Geography teaching; Genocide; Resistance.

Introdução

O ensino de geopolítica, no âmbito da Geografia escolar e universitária, não pode se restringir a uma mera transmissão de conteúdos sobre fronteiras, Estados nacionais e guerras. Mais do que um acúmulo de informações, trata-se de compreender como as relações de poder moldam os territórios e atravessam a vida cotidiana. Nesse sentido, ensinar geopolítica é, antes de tudo, educar para enxergar as contradições, os silenciamentos e os processos de exclusão que estruturam o espaço global.

A geopolítica é um campo essencial da geografia, dedicado a estudar as relações de poder, a territorialidade e as dinâmicas sociopolíticas que estruturam o espaço global. No âmbito educacional, abordar esse tema possibilita que os estudantes desenvolvam uma visão crítica sobre fenômenos como conflitos territoriais, migrações, globalização, racismo estrutural e mudanças climáticas, todos profundamente ligados à organização do espaço mundial. Conforme enfatiza Moraes em *Geografia: Pequena História Crítica* (1990), a geopolítica funciona como uma ferramenta indispensável para revelar as interações entre sociedade e espaço, unindo teoria e prática no processo de ensino. Para o autor, essa disciplina não deve ser tratada como algo distante da vida cotidiana, mas sim como um meio para explorar dinâmicas de poder que impactam diretamente o cotidiano das pessoas (Moraes, 1990).

Como afirma Yves Lacoste (1988), a geopolítica é um saber dúbio: pode ser utilizada tanto para fins de dominação quanto para a emancipação dos sujeitos. Daí a importância de tensionar a forma como ela é apresentada em sala de aula. A questão central é: de que lado esse conhecimento se posiciona? Para a crítica ou para a reprodução da ordem?

É nesse ponto que a arte se apresenta como possibilidade pedagógica. A arte provoca, inquieta e desestabiliza. Ela não apenas representa, mas inscreve no visível aquilo que é silenciado pelos discursos hegemônicos. Por isso, incorporá-la ao ensino de Geografia significa abrir espaço para novas leituras do mundo, capazes de mobilizar tanto a razão quanto a sensibilidade. Como diz bell hooks (2018), “a educação como prática da liberdade é um ato que deve engajar mente, corpo e espírito” (p. 26).

Este artigo analisa a utilização da arte como recurso pedagógico para o ensino de geopolítica a partir de duas obras: a fotografia de Mohamed Salem, que retrata a violência no conflito Israel-Palestina, e *Paraíso Tropical*, de Rosana Paulino, que denuncia as permanências coloniais e o racismo no Brasil. O objetivo é demonstrar que

a arte não apenas ilustra, mas amplia a criticidade e contribui para uma educação comprometida com a transformação social.

A geopolítica no ensino de Geografia

A geopolítica, enquanto campo de saber, tem como eixo a análise das relações de poder inscritas no espaço. Para Milton Santos (1997), o espaço geográfico não é um palco neutro das ações humanas, mas um “híbrido de racionalidade e afetividade, de técnica e emoção”, que guarda em si “os conflitos, os interesses, as lutas e os sonhos das sociedades” (SANTOS, 1997, p. 63).

Essa perspectiva exige que o ensino da geopolítica vá além da descrição de Estados e conflitos, assumindo uma postura crítica diante da produção desigual do espaço. Raffestin (1993) reforça esse ponto ao afirmar que o poder se territorializa por meio de normas, símbolos e discursos que organizam o espaço:

O poder está presente em todas as relações humanas e se manifesta espacialmente por meio de formas, normas, símbolos e discursos. [...] A geografia do poder precisa, portanto, desvelar essas estruturas e permitir que se compreenda como o poder se organiza e se reproduz nos territórios.” (RAFFESTIN, 1993, p. 139).

No contexto da sala de aula, isso significa que ensinar geopolítica não é apenas informar, mas problematizar. É possibilitar que os estudantes compreendam como as disputas globais atravessam seus próprios cotidianos. Paulo Freire (1987) já alertava que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (p. 47). Assim, incorporar a geopolítica ao ensino de geografia, portanto, não é apenas uma escolha metodológica, é uma tomada de posição ética.

Trata-se de formar sujeitos críticos, que compreendam o espaço como arena de disputas e de possibilidades. Quando o professor apresenta aos alunos as diversas formas como o poder se manifesta nos territórios, ele está oferecendo ferramentas para que esses alunos se tornem agentes de transformação. Além disso, é preciso considerar a diversidade de escalas envolvidas nos processos geopolíticos. Discutir temas como conflitos internacionais, neocolonialismo, movimentos separatistas, conflitos ambientais e disputas por água e energia possibilita aos alunos entenderem como as grandes decisões políticas influenciam diretamente suas realidades locais. Da mesma forma, abordar os movimentos sociais locais e as formas de resistência territorial permite perceber que as ações locais também têm potencial transformador no cenário global.

Por derradeiro, Lacoste (1988), ao questionar o uso político da Geografia, defende que o conhecimento geográfico deve servir à consciência crítica e não à dominação, como muitas vezes ocorreu historicamente. Essa provocação convida os educadores a problematizarem os sentidos atribuídos ao espaço e ao saber geográfico. Essas contribuições teóricas ajudam a construir uma base sólida para o ensino da geopolítica nas escolas e universidades, integrando as dimensões físicas, sociais, culturais e simbólicas do espaço. A partir dessa perspectiva crítica e interdisciplinar, é possível preparar os estudantes para compreenderem e intervirem de forma mais consciente nos processos que constituem a sociedade contemporânea e entender sua posição na sociedade que estão inseridas.

Arte, educação e criticidade

A arte, quando incorporada ao ensino, cumpre a função de provocar rupturas na lógica da neutralidade. Para Ana Mae Barbosa (2010), a arte-educação é, ao mesmo tempo, alfabetização visual e formação ética e política, pois ensina a interpretar o mundo a partir de múltiplas linguagens.

Achille Mbembe (2021), ao refletir sobre o conceito de brutalismo, descreve a sociedade contemporânea como marcada pela intensificação da crueldade e pela mercantilização da dor. Nesse contexto, a arte assume papel fundamental: denunciar, sensibilizar e reconectar os sujeitos ao humano. Em suas palavras:

A brutalidade não é mais apenas um acidente ou desvio. Ela é, hoje, parte integrante do funcionamento das sociedades contemporâneas. O brutalismo é o modo de gestão do mundo por meio da lógica do descarte, da exaustão, da saturação e do esgotamento da sensibilidade. (MBEMBE, 2021, p. 19).

No ensino de Geografia, isso significa que a arte é capaz de expor as contradições que os mapas e gráficos muitas vezes não revelam. Ela desnaturaliza violências e abre espaço para narrativas silenciadas.

Interdisciplinaridade e leitura crítica do espaço

A Geografia, por sua natureza, é interdisciplinar. Cosgrove (1985) mostra que a arte sempre refletiu ideias geográficas, enquanto Doreen Massey (1994) defende que espaço e lugar são construções sociais e simbólicas. Essa abertura permite que a arte seja incorporada como linguagem que amplia a leitura geográfica do mundo.

Morin (2000) ressalta que a educação precisa integrar razão, emoção e imaginação. A arte, ao dialogar com a geopolítica, permite essa integração. Ela

possibilita que os estudantes não apenas aprendam conteúdos, mas também sintam e reflitam sobre suas implicações.

Ao romper com abordagens reducionistas e deterministas, a Geografia contemporânea se afirma como uma área que dialoga com outras disciplinas para melhor compreender as dinâmicas que envolvem a produção do espaço. Nessa contextura, a interdisciplinaridade surge como mais do que uma metodologia: ela é uma postura epistemológica. Como afirma Milton Santos (2000), a geografia é a ciência do espaço habitado pelo homem, o que implica reconhecer que os territórios são produzidos por uma multiplicidade de agentes, estruturas e sentidos. Para Santos, não é possível compreender o espaço sem considerar as dimensões históricas, econômicas, políticas, culturais e afetivas que o compõem.

A interdisciplinaridade, então, torna-se um caminho para romper com essas representações cristalizadas e estimular o pensamento crítico. Ela permite tensionar as imagens hegemônicas e produzir sentidos a partir do vivido, do sensível e do histórico, partindo sempre do pressuposto de que o aluno é um ser totalmente capaz de pensar a sua própria realidade sem a interferência de um modelo já pronto. Assim, é nesse ponto que a arte surge como um território fecundo de encontro entre os saberes.

Análise das Obras:

Mohamed Salem e o genocídio palestino

A fotografia de Mohamed Salem, vencedora do World Press Photo 2024, retrata Inas Abu Maar abraçando o corpo de sua sobrinha de cinco anos, morta em um bombardeio israelense em Gaza. Essa imagem quebra a distância entre estatística e vida. Não se trata de números, mas de rostos, corpos e afetos atravessados pela violência.

Figura 1: Fotografia de Mohamed Salem (sem nome)



Fonte: Word Press Photo (2023).

Como aponta Fábio Bacila Sahd (2014), a lógica israelense configura-se como uma etnocracia, em que o aparato jurídico e territorial garante a supremacia de uma etnia em detrimento de outra. Nessa conjuntura, a fotografia de Salem não é apenas registro de luto: é denúncia de um projeto político de segregação.

Edward Said (2003), ao comparar a ocupação da Palestina ao apartheid sul-africano, mostra que se trata de um processo de desumanização e negação da narrativa palestina. A imagem de Salem transcreve esse apagamento, inscrevendo no mundo a existência de Sally, da sua tia e de tantas vidas invisibilizadas pelo Estado de Israel.

O poder pedagógico dessa imagem reside justamente em sua capacidade de provocar o incômodo. Não é uma fotografia neutra, nem deve ser. É um dispositivo de memória e de resistência. Ao inserir esse tipo de imagem em sala de aula, especialmente no ensino de Geografia, rompe-se com a abordagem despolitizada e estéril dos conflitos internacionais. Abre-se espaço para discussões sobre território, soberania, deslocamento forçado, fronteiras artificiais e neocolonialismo, temas muitas vezes reduzidos a mapas e datas.

A geopolítica, nesse ponto, não pode ser ensinada apenas como uma sucessão de fatos. Ela precisa ser sentida. E a arte, especialmente a fotografia, é uma das linguagens mais potentes para isso. A imagem de Salem é um aceno a olhar para a Palestina não como um “problema distante”, mas como parte de uma rede global de opressões, cujos ecos também atravessam as periferias brasileiras, os ditos corpos racializados, os deslocados da história.

Rosana Paulino e o *Paraíso Tropical*

Rosana Paulino, em *Paraíso Tropical*, reflete, em tom de denúncia, as marcas da escravidão e construção da diáspora africana na formação do Brasil. Sua obra aponta como o racismo estrutural e ambiental continuam moldando os territórios e as experiências da população negra.

Ao representar corpos negros reduzidos a elementos desconectados, quase médicos, Paulino visibiliza os efeitos espaciais e simbólicos da diáspora como uma geopolítica da desposseção, que nada mais é a formas de poder que tiram das pessoas não só seus territórios, bens e direitos, mas também a possibilidade de serem reconhecidas como sujeitos políticos.

Logo, isso acontece a partir de interesses que misturam questões econômicas, coloniais, raciais e estratégicas. É uma lógica violenta e excludente, que organiza o espaço de modo a decidir quem tem o direito de viver, de que forma pode viver e em que lugar se pode estar. A artista retoma uma história que foi sistematicamente

soterrada pelo discurso nacional e revela que, por trás da imagem de país cordial, está um território marcado por feridas coloniais ainda abertas.

Figura 2: Obra Paraíso Tropical



Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural (2023)

Mbembe (2001) fala em necropolítica para descrever como o poder moderno define quem pode viver e quem deve morrer. O trabalho de Paulino conecta-se a essa lógica ao revelar como a população negra no Brasil foi historicamente relegada a espaços de marginalidade, precariedade e violência. O espaço geográfico é um híbrido de racionalidade e afetividade, de técnica e emoção [...] guarda em si os conflitos, os interesses, as lutas e os sonhos das sociedades. (SANTOS, 1997, p. 63). Essa citação de

Milton Santos pode ser diretamente relacionada à obra de Paulino: sua arte traduz os conflitos históricos e territoriais da população negra no Brasil.

No ensino, Paraíso Tropical permite discutir diáspora africana, racismo ambiental, desigualdades urbanas e exclusões sociais, articulando a geografia crítica ao debate sobre identidade e memória.

Metodologia para o Ensino: Arte como recurso didático no ensino de Geografia

Pensar a arte como ferramenta pedagógica no ensino de geografia é, acima de tudo, um exercício de escuta e de abertura para outras formas de ler o mundo e o outro. Nesta sessão será discutido como se pode dar essa ponte visando o processo de apropriação do conhecimento pelos alunos. Quando se propõe que os estudantes analisem obras como Paraíso Tropical de Rosana Paulino, e a fotografia de Mohammed Salem sobre o genocídio palestino, instiga olhares mais críticos e sensíveis sobre os territórios, as desigualdades, os conflitos e as representações que atravessam o espaço geográfico. Portanto, propõe algumas práticas pedagógicas baseadas nessas obras, articuladas a metodologias ativas e ao uso de ferramentas multimídia.

• Debates como ferramenta para pensar conflitos geopolíticos

A fotografia de Mohammed Salem, que retrata o luto de uma tia palestina diante da violência de Israel, pode ser o ponto de partida para a organização de debates estruturados em sala. Essa estratégia permite que os alunos compreendam não apenas os eventos históricos, mas também as disputas simbólicas, identitárias e territoriais que envolvem a região. Cada grupo pode assumir uma posição: Palestina, Israel, ONU, imprensa internacional, sociedade civil e construir argumentações com base em dados e reportagens, desenvolvendo empatia e pensamento crítico. Segundo uma proposta pedagógica desenvolvida por pesquisadores da Universidade das Ilhas Baleares (2016), essa abordagem estimula a análise de múltiplas narrativas e fortalece o protagonismo discente na produção do conhecimento. A atividade também ajuda a desconstruir leituras simplistas dos conflitos internacionais, algo essencial para uma geografia que se compromete com a formação de sujeitos críticos.

• Racismo estrutural e desigualdade global

Ao apresentar a obra *Paraíso Tropical*, de Rosana Paulino, é possível propor uma roda de conversa sobre o racismo estrutural e seus reflexos nas desigualdades globais. A potência visual da obra, que tensiona as imagens romantizadas do Brasil colônia, pode ser mobilizada para discutir como o racismo é estruturante das relações sociais, econômicas e espaciais até hoje. Relatórios recentes, como os publicados pelo Observatório da Educação (2023), reforçam que o racismo impacta diretamente a trajetória educacional da população negra no Brasil. Discutir esse tema a partir da arte provoca deslocamentos afetivos e cognitivos nos alunos, que passam a compreender o racismo não como um desvio individual, mas como uma estrutura histórica e geopolítica.

Considerações Finais

Este trabalho buscou refletir sobre a importância do uso da Arte como recurso didático no ensino de Geografia, destacando sua potência para ampliar a leitura crítica do espaço, das relações sociais, fomentar debates sobre temas geopolíticos e sociais e promover a formação de sujeitos mais conscientes e engajados.

Ao longo da pesquisa sobre as obras escolhidas, procuramos evidenciar que a articulação entre arte e geografia não apenas enriquece o processo de ensino-aprendizagem, como também possibilita uma abordagem mais sensível, contextualizada e significativa dos conteúdos escolares.

As atividades pedagógicas, quando pensadas a partir de metodologias mais interativas e de uma perspectiva crítica, tornam-se mais do que instrumentos didáticos: elas assumem um papel central na mediação entre o saber sistematizado e a vivência concreta dos(as) estudantes. É por meio dessas práticas que se constrói uma educação que articula teoria e prática, promove a autonomia intelectual e possibilita a transformação da realidade social.

Por esse ângulo, propostas como debates sobre conflitos geopolíticos, análises de obras visuais e produção de mapas culturais demonstram ser extremamente diferenciadas para estimular a reflexão, a argumentação e a produção de conhecimento com sentido. Para que a arte desempenhe um papel significativo no processo de ensino aprendizagem, é fundamental que ela atravesse também o professor. Mas aqui é importante ressaltar que para que o professor seja sensibilizado, a estrutura educacional deve apresentar as condições ideais para tal. Logo, se pressupõe que a

mediação de experiências estéticas em sala de aula não pode se limitar à transmissão de conteúdos ou ao uso de imagens como simples ilustrações didáticas. A arte, por sua natureza, demanda sensibilidade, escuta, presença e abertura para o questionamento.

Nessa perspectiva, é essencial que o educador se permita ser provocado pelas obras, de modo a ampliar sua percepção e enriquecer sua prática pedagógica. A vivência artística por parte do professor não deve ser entendida como um luxo ou uma atividade acessória, mas como parte indispensável de sua formação humana e profissional.

A experiência com a Arte possibilita ao educador desenvolver um olhar mais atento às sutilezas do cotidiano, uma escuta mais afinada às expressões dos estudantes e uma compreensão mais ampla das múltiplas linguagens que compõem o espaço de ensino. Em um contexto marcado pela padronização dos processos educativos e pela ênfase em resultados mensuráveis, a arte surge como um contraponto necessário. Ela convida à pausa, ao deslocamento e à reflexão crítica sobre a realidade.

Professores que se relacionam com obras de arte, e que se deixam transformar por elas, tendem a compreender o ato de ensinar como um processo dialógico, aberto à diversidade de interpretações e à construção coletiva de sentidos. É, portanto, urgente que os programas de formação inicial e continuada incluam momentos de fruição e debate artístico. Tais espaços não devem ser orientados apenas pela lógica do domínio técnico, mas pela vivência sensível, pela provocação intelectual e pela construção de um vínculo significativo com a Arte.

Trata-se do reconhecimento de que os educadores também têm o direito de serem afetados, deslocados e inspirados pelas obras, pois assim poderão propor experiências autênticas e potentes no ambiente de ensino-aprendizagem. Infere-se, dessa maneira, que a integração entre arte e ensino de Geografia, aliada a propostas pedagógicas bem estruturadas e à utilização de metodologias qualitativas, representa uma estratégia promissora para construir uma educação mais crítica, democrática e sensível às realidades vividas pelos(as) estudantes. Ao reconhecer a Arte como linguagem, a escola/universidade como espaço de formação cidadã e a Geografia como motor crítico, reafirma-se o compromisso com uma prática educativa que não apenas

informa, mas também forma, intelectual, política e humanamente as novas gerações. Conclui-se que uma educação geográfica comprometida com a emancipação deve incluir a arte como prática didática, pois é por meio dela que se torna possível revelar as camadas invisíveis dos conflitos e das desigualdades.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, A. M. Arte-educação no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- HAESBAERT, R. O mito da desterritorialização. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HOOKS, B. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2018.
- LACOSTE, Y. A geografia serve antes de mais nada para fazer a guerra. Campinas: Papirus, 1988.
- MBEMBE, A. Brutalismo. Lisboa: Antígona, 2021.
- MORAES, A. C. R. Geografia: Pequena História Crítica. São Paulo: Hucitec, 1990.
- MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez, 2000.
- PAULINO, R. Paraíso Tropical. Catálogo de exposição, 2017.
- RAFFESTIN, C. Por uma geografia do poder. São Paulo: Ática, 1993.
- SAHD, F. B. Conflito, discriminação e segregação na Palestina ocupada: etnocracia como síntese teórica possível. Revista Brasileira de Ciências Criminais, v. 22, n. 128, 2014.
- SAID, E. Edward Said e os paralelos entre a ocupação da Palestina e o apartheid na África do Sul. Carta Maior, 2003.
- SANTOS, M. A natureza do espaço. São Paulo: Hucitec, 1997.
- UNIVERSIDADE DAS ILHAS BALEARES. Proposta pedagógica interdisciplinar para análise de conflitos internacionais em sala de aula. Palma de Maiorca: UIB, 2016. Disponível em: <https://www.uib.cat>. Acesso em: 04 mar. 2025.
- WORLD PRESS PHOTO. Mohammed Salem. World Press Photo, [s.d.]. Disponível em: <https://www.worldpressphoto.org/mohammed-salem>. Acesso em: 11 abr. 2025.